

Filosofias africanas: Vozes plurais e contracoloniais nas tessituras filosóficas e educativas

Profa. Dra. Adilbênia Freire Machado (UFRRJ)¹

*Quando nós falamos tagarelado
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinado
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é porque estamos errando
É porque não fomos colonizados.*

Antônio Bispo dos Santos

O dossiê Filosofias Africanas: vozes plurais e contracoloniais tem o objetivo de apresentar perspectivas diversas sobre e para aprendermos/ensinarmos filosofias africanas, onde o pensamento afrorreferenciado aparece como guia para a construção dos artigos que aqui serão apresentados. Esse pensamento guia é delineado por nossas experiências, ou seja, nossos modos de ser / viver / fazer / estar no mundo são fundantes para construção de nossos saberes. Assim, a proposta é compor forjas de conhecimentos implicados com referências fundantes da construção de nosso pertencimento, referências africanas e indígenas, com o desejo de tecer conhecimentos implicados em geografias e saberes transversalizados por nossas vivências, experiências e territorialidades.

Nesse sentido, a educação se faz a partir de um ensino em comum-união com o “nosso próprio lugar de pertencimento, nossos modos de ser, nossos saberes, nossas culturas, nossos corpos, nossas histórias” (Machado, 2019). Pensar / refletir / criar desde / com perspectivas afrorreferenciadas é ter a teia da diversidade, da horizontalidade dos

¹ Profa. Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Instituto Multidisciplinar; Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (UFRRJ). Doutora em Educação (UFC). Coordenadora do Eixo Filosofia Africana e Afro-Diaspórica da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisador@s Negr@s); Coordenação Ampliada da Associação de Filosofia e Libertação (AFyL). Faz parte do NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses) / UFC; AAFROCEL (Academia Afrocearense de Letras); GT Filosofia da Libertação, Latino-Americana e Africana e GT Filosofia e Raça (ANPOF); Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. E-mail: adilbenia@ufrj.br

saberes e da pluralidade de vozes e conhecimentos, propondo formações que fortalecem nossos pertencimentos, nossas potencialidades, permitindo-nos compreender que somos pessoas criadoras e co-criadoras de saberes... Portanto, devemos nos autorizar a aprender / ensinar a partir de outras referências, nos autorizando a criar outros currículos, metodologias, didáticas, etc. fundamentados em nosso chão.

Por isso, este dossiê apresenta uma pluralidade de vozes de diversas partes do Brasil, assim como de países africanos, marcadamente Moçambique e Cabo Verde. Vozes plurais e contracoloniais. Antônio Bispo dos Santos, nosso Mestre Nêgo Bispo, ensina que contracolonizar é “reeditar as nossas trajetórias a partir de nossas matrizes” (2018), a partir de nossas próprias experiências, vivências, valorizando nossos saberes, nossas culturas, nossas tradições... Valorizando saberes tecidos por nosso próprio chão, como já fora dito. Nessa perspectiva a chamada para esse dossiê implicou-se nas tessituras de teorias a partir dos nossos lugares de pertencimento, saindo de uma imposição do pensamento ocidentocêntrico. Portanto, transpomos barreiras disciplinares desde / com aberturas para pensar / filosofar / educar a partir das filosofias africanas, filosofias afro-brasileiras, filosofias afrorreferenciadas.

Sabemos que desde eras faraônicas a filosofia esteve presente no continente africano, influenciando de forma contundente o pensamento daqueles pensadores que dizem ser iniciadores da Filosofia Grega. 2100 anos A.E.C antes do filósofo grego, Tales de Mileto, considerado Pai da Filosofia (Ocidental), já tínhamos Imnhotep, considerado o primeiro filósofo da história humana, que também pode ser considerado o pai da medicina, arquitetura, política e filosofia (Asante, 2022). Théophile Obenga em sua obra *L’Egypte, La Grèce ET l’Ecole d’Alexandrie* (O Egito, a Grécia e a Escola de Alexandria) demonstrou que muitos filósofos e homens da ciência grega estiveram no Egito Antigo, nosso Kemet, ou seja, Terra de Pessoas Pretas, para serem instruídos pelos sacerdotes das escolas chamadas *Templos da Vida*. Tales, Platão, Pitágoras, Sólon, Anaximandro, Anaxímenes, Demócrito, Anaxágoras, Aristóteles e tantos outros beberam das fontes egípcias / keméticas (Machado, 2019a). Importante pontuar que diversas pesquisas apontam esse Egito como um epicentro, um lugar de culminância de múltiplas culturas e modos de saber, de conhecer, de diversas outras regiões do Continente Mãe, desse modo,

o compreendemos com um lugar de continuidade, de convergências de conhecimentos científicos, culturas e pensamentos filosóficos já existentes.

Percebemos, então, que mesmo com toda uma história determinada pela invasão europeia com seu escravismo e colonização genocida e epistêmica, apesar da colonialidade que perpetua até nossa atualidade, filosofias africanas, em África e na sua diáspora, sobrevivem, se ampliam e estão cada vez mais fortalecidas. Visualizamos, então, o movimento Sankofa que está apresentado na coruja que ilustra a capa do dossiê: pés para frente com a cabeça totalmente voltada para trás, pois precisamos caminhar para frente sem jamais perdermos nossas raízes, nossos pertencimentos, nossas memórias... Não saberemos para onde irmos se não soubermos de onde estamos vindo.

Nessa perspectiva a Saberes, Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação, propôs esse dossiê para dialogarmos com produções em que as filosofias africanas são sujeitas de pesquisas e reflexões que se espalham por diversas áreas de conhecimento. Mostrando nossas potencialidades que ainda são tão negadas e não legitimadas nos departamentos de filosofia desse país, Brasil. Departamentos esses com currículos, metodologias, didáticas, referenciais fundamentalmente ocidentocêntricas e falocêntricas. Assim, com intuito de contracolonizar, apresentamos, a seguir, os artigos que compõem o dossiê Filosofias africanas: Vozes plurais e contracoloniais.

Seguindo nessa travessia de uma coruja sankofiana, “*De qual cor eram os olhos da minha mãe?*” A produção do conhecimento em intimidade com o mundo de autoria de Luís Thiago Freire Dantas, Alice Ferraz e Ellen Miranda de Oliveira aparece como o artigo que abre essa travessia. O autor e as autoras problematizam a “questão da separabilidade entre sujeito e objeto do conhecimento” partindo da relação que estabelecemos com nossas investigações. O conto Olhos d’Água de Conceição Evaristo apresenta-se como caminho articulado com reflexões sobre generificação da linguagem, assim como com a manutenção colonial de uma organização social pautada por Oyèrónkè Oyèwùmí.

Na sequência temos Ivan Costa Lima, Geranilde Costa e Silva e Cláudio de Souza Rocha dialogando a partir do artigo *Filosofias africanas e seu ensino: da porteira de fora*

à porteira de dentro na prática educativa. Aqui há uma discussão em que se problematiza como o debate sobre as filosofias africanas e seu ensino tem sido relegada pela filosofia tradicional no Brasil, ou seja, a filosofia acadêmica. O texto faz uma reflexão crítica sobre a urgência do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, trazendo perspectivas das filosofias africanas e afro-brasileiras a partir de práticas sociais e de debates acadêmicos, reforçando o ensino das filosofias africanas e diaspóricas e sua importância para descolonização do pensamento social brasileiro.

O sonho como realização do desejo inconsciente de branquitude da pessoa negra com o ideal de ego branco do caboverdiano Hedy Carlos de Pina vem na sequência, discutindo sobre o desejo inconsciente da pessoa negra de tornar-se branca. A discussão parte de um diálogo com Neusa Souza Santos e Frantz Fanon, considerando os sonhos como manifestações de desejo inconsciente.

Lucas Sullivam Marques Leite e Ana Lúcia Oliveira Aguiar nos apresentam a *Louvação ao Baobá na/da cidade de Mossoró/RN: uma perspectiva epistêmico-metodológica* em que apresentam uma síntese de uma pesquisa de mestrado que aponta perspectivas epistêmicas-metodológicas em construção, compreendendo e veiculando histórias de vidas encruzilhando memórias, experiências e saberes ancestrais, refletindo impactos diretos na cultura e na educação afro-brasileira.

Saberes quilombolas e interculturalidade: uma abordagem decolonial de autoria de Taciani Do Socorro Da Silva Lima, Danilo Nascimento dos Anjos e José Guilherme dos Santos Fernandes é uma conversa que tem por objetivo compreender o lugar ocupado pelos saberes quilombolas, focando saberes tradicionais em uma perspectiva intercultural. Há, ainda, a percepção da necessidade de avançar no tocante às práticas educativas interculturais tendo a desobediência epistemológica como fundante para esse percurso.

Marina Borges Seemann e Samon Noyama apresentam o artigo *Lei nº 10.639/2003: Uma análise do ensino de filosofia do novo currículo paulista* analisando o Ensino de Filosofia nesse novo currículo em um contexto de produção de saberes emancipatórios afetados pelos currículo com bases ideológicas neoliberais, verificando, então, a vigência e

eficácia da legislação antirracista na educação, assim como discutindo sobre transformações curriculares a partir da inserção de metodologias afroperspectivistas.

Na sequência temos *Movivências: experiências com as filosofias do corpo* de autoria de Débora Campos de Paula e Renata Giovana de Almeida Martiello em que o movimento corporal afroreferenciado tecido nas movivências do corpo com a dança e a capoeira tecem saberes/filosofias do corpo para compreensão e potencialização de quem somos e do que estamos fazendo no mundo, assim como a compreensão da nossa existência coletiva.

Livia Fraga Celestino traz o artigo *Afrocentricidade: espaço e tempo sagrado nos terreiros de candomblé*, no qual a autora usa a afrocentricidade para analisar as percepções de espaço e tempo sagrados nas comunidades dos terreiros de candomblé, compreendendo como as cosmopercepções afrodiaspóricas nos permitem perceber o mundo com outros sentidos sobre espaço e tempo, tecidas na compreensão da ancestralidade, da natureza, da comunidade e do axé.

Águas das origens, pedrinhas miúdas e um cadinho de poesia de Pedro Vitor Guimarães Rodrigues Vieira vem na sequência nos convidando a um mergulho em águas de “diferentes origens do pensamento e que banham diferentes modos de ser e praticar os mundos” por meio das artes. O encantamento das culturas Bantu e Nagô carregam o ensaio numa tessitura mito-poética pluriversal.

Raisa Inocência Ferreira Lima traz o artigo *Diálogo filosófico afroreferenciado: Marcién Towa, Oyèrónké Oyọ̀wómí e a intervenção pedagógica em axé* em que os diálogos entre o pensador e pensadora contribuem com a construção de uma abordagem pedagógica que busca que a força vital, o Axé, seja compreendida como elemento fundante para tomada de consciência contracolonial, ressaltando a influência das filosofias africanas em contextos diaspóricos.

A Filosofia da Pluriversalidade: o Ayê, o Orun e a ‘Simbiose Indestrutível’ dos Mundos Visível e Invisível de Reginaldo Domingos traz uma crítica ao epistemicídio promovido pelo ocidente e a partir da pluriversalidade filosófica africana, propondo

pensar outras formas de ser e fazer na compreensão do mundo, considerando as relações humanas e com todos os entes na dimensão material e imaterial.

Cristina Amaro Viana, Jordana Araújo dos Santos, José Claudevan Vieira da Silva e Jobson Caio dos Santos trazem o artigo *Africanizar o currículo do ensino médio: discussões filosóficas sobre racismo, colonialismo e opressão econômica* implicado em refletir sobre a implementação da Lei 10.639/003, fundamentalmente no componente curricular de filosofia no Ensino Médio. Assim, objetivam apresentar possibilidades para que isso aconteça, a partir da análise e da revisão de parâmetros de comportamento ético, da vida social, política e ontológica. Aimé Césaire, Kwame Nkrumah, Achille Mbembe e Sílvio Almeida são as principais referências.

História e cultura afrocentrada: reflexões identitárias dos estudantes do ensino médio de autoria de Jonas Da Silva Santos e Carla Liane Nascimento dos Santos vem na sequência apresentando resultados de um “desdobramento de uma ação desenvolvida na sala de aula no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-brasileira na Educação, realizada junto a uma turma de história e cultura afro-brasileira e africana no processo de construção e afirmação identitária dos estudantes do Ensino Médio”. Appiah (1992); Fanon (2008); Asante (2009); Mazama (2009); Gomes (2017); Munanga (2005); Santos (2005); Silva (2007) são as principais referências.

Jailma dos Santos Pedreira Moreira e Nádja Nayra Brito Leite dançam com Emicida e a filosofia Ubuntu no artigo *Permita que eu fale não às minhas cicatrizes o grito decolonial ubuntu do Emicida*. Uma conversa que parte da denúncia das “marcas da colonização, da escravidão e da ditadura [...] presentes na história do Brasil e nas subjetividades dos sujeitos” anunciando, então, a partir de AmarElo, que todas essas mazelas não definem nossas identidades. Assim, uma conversa mediada pela decolonialidade e a Filosofia Africana Ubuntu apresenta a potencialidade de AmarElo na construção do fortalecimento de nossas identidades.

A partir de Moçambique temos Maulana Domingos e Tiago Tendai Chingore com o artigo *José P. Castiano: do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação*. Os autores apresentam a obra, *Do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação*, do

filósofo moçambicano José Paulino Castiano que fora publicado em 2021. Os autores objetivam problematizar o título do livro questionando: “Será uma transição de um “Espírito” ao outro? O que vai ser Espírito da Tradição e o da Reconciliação na concepção de Castiano? A Covid-19 representa o possível fim da humanidade? O que se pretende reconciliar de facto?”.

Pensar / filosofar / educar desde / com saberes afrorreferenciados é tecer saberes orgânicos, pois, como afirma Antônio Bispo dos Santos, nosso Mestre Nêgo Bispo, “orgânico é tudo aquilo que todas as pessoas podem acessar” (2023). Ser orgânico é se envolver com a vida, com a terra, com tudo que a constitui, como as árvores, as matas, as águas (Santos, 2023). Sabedorias das águas “pois entram e permitem diálogo com todas as frestas, entendem a pedra (ou a Outra pessoa) como potência de construção, de criação, de vida!” (Machado, 2019, p. 131). Nesse sentido, são sabedorias confluentes, pois confluência é

a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso. (Santos, 2023, p. 15)

As filosofias africanas, afrorreferenciadas têm suas raízes nas confluências, no encantamento, ou seja, no comprometimento ético, político, estético diante da vida, responsabilidade, compromisso... movimentos que criam, co-criam, re-criam, ressignificam epistemologias desde/com as próprias experiências, a relação com a terra. São tessituras de conhecimentos orgânicos, contracoloniais, políticos. É um fazer político

baseado na territorialidade. Um fazer que tem como referências territórios de liberdade, territórios de abundância e da solidariedade. Que não estão amparados sobre o individualismo, a propriedade, ao amor pela mercadoria e a avareza. Muito menos na desconexão com a terra e a lógica ocidental de roubar, matar e destruir. (Oliveira, 2020, s.p).

Portanto, nosso ser / fazer é orgânico, contracolonial, encantado, pois também é

um saber fazer a liberdade, dado que esse fazer advém da maior referência de produção de liberdade e solidariedade que o povo negro possui: os quilombos e sua práxis quilombolista. Por este fato, a política que emerge desses corpos/territórios é uma política que, necessariamente, segue outras referências, conexões e percepções de mundo, por sua vez, seguem outros valores. Ou seja, parte e atribui respeito aos valores a seguir, de modo que os mesmos tomem uma importância singular na construção do Ser humano e conseqüentemente no fazer e relacionar com os outros/comunidade. Portanto, valores como: comunidade, corporeidade, oralidade, fundantes do Ser, para essa filosofia política e, conseqüentemente, são categorias fundamentais para o fazer e ser política. (Oliveira, 2020, s.p).

Nesse contexto desejamos que

as questões aqui colocadas gerem escutas e reflexões que discutam pressuposições embutidas, sem considerá-las como ações finais, mas iniciais com pensamentos que foram e são inscritos constantemente nas dinâmicas do epistemicídio que justifica o apagamento da memória e garante o domínio intelectual e material global do Ocidente. (ROCHA, 2023, p. 152).

Assim, nossas filosofias implicam uma educação libertadora e transgressora, sabendo-se que a liberdade é um processo contínuo, diário de comprometimento, de responsabilidade. É engajamento crítico em que o conhecimento promove liberdades concretas, pois tal conhecimento é re-conhecimento de nossas histórias, é tecido por nós. Assim, a educação, a filosofia, a filosofia da educação, a filosofia e a educação, são forjas contínuas de libertação, portanto, compartilhando da compreensão de bell hooks (2017, p. 26), o conhecimento só poderá ser libertário “quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar”. Falamos, então, de: Coletividade! Comunitarismo! Igualdade e Justiça! Ancestralidade! Encantamento! Sabedorias Orgânicas forjando nossos modos de ser / estar no e com o mundo. Portanto...

*Fogo!...Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!...Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!...Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!...Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
que os vão cansar se continuarem queimando*

*Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.*

Antônio Bispo dos Santos

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. *Os filósofos egípcios: vozes ancestrais africanas de Imhotep à Akhenaten*. Tradução de BAKARI, Akili Oji Amauzo. São Paulo: Editora Ananse, 2022.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades*. Fortaleza: Imprece, 2019a.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 268p, Fortaleza, 2019.

OLIVEIRA, Lorena Silva. Filosofia Política Preta: o que zumbi e outrxs quilombista tem a nos dizer? *Le Monde Diplomatique* – Brasil, edição 160, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-que-zumbi-e-outrxs-quilombistas-tem-a-nos-dizer/?fbclid=IwAR32iE0Yu1mQ7gN3bB2x5Agle1XXKwLHmf9xul3YpEd7mWbq2awD8Z8LJBE>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ROCHA, Aline Matos da. *CORPO-ORÍ-IDADE*: uma investigação filosófica sobre ontologia relacional no pensamento de Oyèrónkẹ Oyěwùmí. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Metafísica, 173p, Brasília, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos: modos e significações*. 2ª ed. – Brasília: AYÔ, 2019.